

Pedro (entrevistador) - Bom, vamos iniciar aqui a entrevista, depois que todos consentirem a gravação. Todos aqui consentem a gravação? Tudo ok?

Pedro (entrevistador) - Pronto, vamos lá. Primeiramente a gente vai fazer algumas perguntas sobre o problema e mais à frente a gente vai passar um pouquinho a falar sobre a solução em si que a gente pretende desenvolver.

Começando, qual é o nome da unidade que você é responsável atualmente no Hospital das Clínicas da UFPE?

Thatiane (entrevistada) - Então, a unidade que eu sou responsável é a unidade de gestão, de graduação, ensino técnico e extensão. Agora assim, eu só queria fazer um complemento, né? Na verdade, quando foi colocado em pauta para trazer essa informação, né? Trazer as nossas dores sobre esse sistema. Na verdade, o que a gente precisa de fato é um sistema um pouco maior que não englobe apenas a minha unidade, mas a outra unidade que faz parte junto comigo, que é a unidade de pós-graduação. Por quê? Na gestão de vagas, de estudantes, eu lido diretamente com estudante de graduação, certo? Nessa unidade. E a outra unidade, que é a unidade de gestão de pós-graduação, lida com residentes. Então, a gente queria um sistema único, que fosse para a gerência de ensino e pesquisa, que englobasse todos os nossos usuários, que são estudantes de graduação, extensionistas e residentes, tá? Então, quando você pergunta para mim qual a unidade que eu coordeno, que eu faço parte, é a de graduação, ensino técnico e extensão. Mas tem essa outra unidade, que é a de pós-graduação, que lida com os residentes, que a gente também quer que fossem incorporados dentro desse sistema de gestão de vagas.

Pedro (entrevistador)- Ok, perfeito. Então, tu poderia me, nos explicar assim, qual seria a função, tanto da UGETE e até dessa outra unidade, que você falou também?

Thatiane (entrevistada) - Isso, é a UGETE e a UGPOS. A UGETE, ela lida diretamente com toda a parte de gestão e coordenação das atividades acadêmicas dos estudantes de graduação, que utilizam o HC como campo de prática. Então, campo de prática para estágio obrigatório, tá? Estágio também não obrigatório, apesar que o estágio não obrigatório hoje não existe, porque a gente não tem recurso financeiro, né? Para pagamento de bolsa, auxílio de transporte, já existia há um tempo, mas hoje não existe mais. Então, estágio obrigatório, extensão, atividades práticas e visitas técnicas. Essa é a parte que a gente faz a gestão e a coordenação dessa unidade. Na unidade de pós-graduação, é feita a coordenação de todas as atividades dos residentes, tanto os residentes da própria casa, do Hospital das Clínicas, como os residentes externos, que vêm realizar rodízios dentro do hospital. E, além dos residentes, a unidade de gestão de pós-graduação também lida com a parte de pós-graduação Lato Sensu e Stricto sensu, no caso de algum estudante de fora, de algum programa de pós-graduação da universidade, para desenvolver alguma atividade acadêmica dentro do hospital. Então, passa também pela unidade de pós-graduação.

Pedro (entrevistador) - Certo, é uma questão. Esses estudantes que são tratados, tanto de pós quanto da graduação, são exclusivamente da Universidade Federal de Pernambuco ou de outras universidades também?

Thatiane (entrevistada) - De outras universidades também. A gente também, nós temos convênios com algumas instituições e os estudantes de fora também podem fazer rodízios e estágios opcionais no HC, mediante pactuação prévia, né? Desde que exista vaga ociosa, porque a prioridade é para o estudante da universidade, então desde que exista vaga ociosa e desde que o chefe daquele serviço, onde ele pretende realizar o estágio, esteja ciente e autorize a atividade. Isso tanto para graduação, como para residente externo também.

Pedro (entrevistador)- Perfeito. Além da UGETE e da UGPOS, existe algum outro ator, algum outro setor que é envolvido nesse processo dessas alocações, dessas vagas também?

Thatiane (entrevistada) - Então, dentro do organograma da nossa gerência de ensino e pesquisa, né? Nós temos a gerência de ensino e pesquisa e temos dois setores, né? Que é o setor de gestão do ensino, tá? E nesse setor de gestão do ensino é o setor que é, que essas duas unidades, a UGPOS e a UGETE estão subordinadas. Então, na verdade, a gente trabalha muito em conjunto, né? Existe um outro setor, mas que não caberia aqui, que é o setor de pesquisa e inovação tecnológica, mas aí eles têm todo um outro sistema, um outro controle de vaga das pesquisas, que não cabe aqui para essa discussão. Então, a gente tem o setor de gestão do ensino, que é onde essas duas unidades que a gente está tratando aqui, são subordinadas. Que a gente lida, a gente trabalha muito em conjunto, na verdade.

Pedro (entrevistador)- Dentro desse processo, qual é o papel de cada um?

Thatiane (entrevistada) - No caso do setor e das unidades.

Pedro (entrevistador) - Isso, envolvidos, isso.

Thatiane (entrevistada) - Entendi. As unidades, a UGPOS e a UGETE, elas lidam mais diretamente na ponta, né? Com operacional. Então, todas as atividades de gestão, de fato, são atribuições das chefias de cada uma dessas duas unidades. A chefia do setor de gestão do ensino, ela tá ali mais para dar apoio e fazer a orientação para as chefias dessas duas unidades.

Pedro (entrevistador) - Entendi. Existe alguma participação nesse setor também, de, por exemplo, alguma coordenação de algum curso, algo assim, também existe essa participação?

Thatiane (entrevistada) - Existe, existe sim. A gente, no caso, o Hospital das Clínicas, ele é campo de prática, como eu falei, né? Dos cursos de graduação. Então, a gente lida diretamente com os cursos de graduação, os coordenadores de estágio e os coordenadores de curso. Então, assim, as atividades, a questão das vagas, né? A gente lida muito, conversa muito com as coordenações para estipular. Quantitativo de vagas, muitas vezes a gente conversa com uma chefia de serviço do hospital, para estipular um quantitativo de vagas X, e repassa para a coordenação de curso. Mas esse quantitativo X não atende aquela necessidade daquele curso. Então, aquele curso a gente chama para conversar com a chefia de serviço. Então, é muito participativo nesse sentido, né? De gestão dessas vagas.

Pedro (entrevistador) - Entendi, perfeito. Agora, no atual panorama, qual é o principal problema que se tem para essas alocações? O problema que vocês enfrentam?

Thatiane (entrevistada) - Então, essa dor não é uma dor só nossa, do Hospital das Clínicas da UFPE, é uma dor de vários hospitais da rede EBSEH, certo? Hoje, como é que a gente faz a gestão de vagas, o controle de estudantes que entram no hospital, né? A gente recebe a documentação deles, né? Quem envia é a coordenação de curso ou via coordenação de estágio, e a gente alimenta essas informações hoje numa planilha de Excel, certo? E isso, assim, é muito penoso, demorado, né? A gente tem apenas um servidor administrativo e duas bolsistas, que auxiliam nesse processo. Mas isso, muitas vezes, não é feito da forma como a gente gostaria, né? E as informações, muitas vezes, também não vêm completas, e aí a gente, para gerar indicadores ou gerar relatórios depois dessa planilha de Excel, a gente consegue ter informações fidedignas, né? As informações básicas que a gente coloca nessa planilha de Excel. É o nome do estudante, é o CPF dele, o curso, a atividade que ele está desenvolvendo nessa planilha de Excel. Não sei se eu mandei para vocês, mas a gente tem algumas abas. A gente tem a aba estágio obrigatório, a aba atividades práticas, a aba

visitas técnicas e a aba extensão. E a gente vai alimentando essa planilha, né? Atualmente, eu posso dizer para vocês que a planilha está bastante desatualizada. A gente está numa força-tarefa enorme no hospital, Lamartine sabe, né? O Filipe Aguiar também, de cadastro de controle de acesso dos estudantes docentes. Então, assim, praticamente que a gente parou todas as outras atividades para se debruçar nessa atividade, dessa força-tarefa de controle de acesso. Então, assim, se, por exemplo, a EBSEH ou a gestão do hospital pedisse para mim, Thatiane, me dê um relatório, eu quero saber quantos estudantes da medicina estão fazendo estágio no mês de setembro. A gente não tem essa informação fidedigna, entendeu? A gente recebe a documentação do estudante, arquiva numa pasta no computador e colhe dessa documentação as informações e lança nessa planilha de Excel. Só que essa planilha está defasada, não está alimentada, né? A gente estava até conversando recentemente, eu e minha chefe, sobre uma outra possibilidade que talvez garantiria que essas informações chegassem para a gente de uma forma mais prática, para a gente, e de forma mais fidedigna, e não desse tanto trabalho para que a gente alimentasse. Ela pensou em a gente criar um Forms no Google ou em outra plataforma e o coordenador do curso iria preencher, seria uma atividade obrigatória para que o coordenador do curso preenchesse essa planilha, esse Forms, tá? E geraria automaticamente uma planilha do Excel, né? Todo Forms gera. E aí já teria essa informação com a gente, sem precisar a gente estar alimentando manualmente quando chega a documentação, né? Mas isso seria um trabalho a mais, né? Que não seria para a gente, seria para o coordenador de curso e a gente não saberia como é que seria a receptividade disso, porque já existe uma grande reclamação, né? Das coordenações de estágio, com um volume de burocracia que existe para que as atividades sejam realizadas, não só no HC, mas em qualquer outra instituição, né? Que é o termo de compromisso, de estágio, plano de atividade, seguro contra acidentes pessoais, são documentações que precisam ser preenchidas nessas atividades e que é penoso, né? E aí ter mais um Forms, além de preencher toda essa documentação, ter mais um Forms para ser preenchido, a gente não saberia como ia ser a receptividade disso, né? E aí um sistema seria ideal para que a gente pudesse, né? Conseguir um trabalho, né? Melhor, né? Que fluísse mais.

Pedro (entrevistador) - Entendi. Essa planilha que vocês utilizam atualmente, quem tem acesso a ela? Quem alimenta ela?

Thatiane (entrevistada) - Então, hoje quem está alimentando essa planilha é uma das nossas bolsistas, tá? Como é que é formada a unidade hoje? A UGETE, ela tem um servidor administrativo, tá? E tem duas bolsistas, que são bolsistas da PROEXC, né? Bolsa Aex. Então, uma dessas bolsistas tem a atribuição de alimentar essa planilha, né? Nosso servidor recebe a documentação toda, faz a triagem, encaminha para a minha assinatura e coloca numa pasta de documentos a serem alimentados na planilha. Então, a nossa bolsista vai lá, pega a documentação, alimenta a nossa planilha e arquiva essa documentação. Mas é como eu falei anteriormente, né? Está defasado, não está sendo alimentada como deveria.

Filipe (entrevistador) - Ô Tati, só uma pergunta. Dessa planilha, parte desses alunos, desses estudantes vão para a AGHU, né?

Thatiane (entrevistada) - Isso. Como é que está sendo hoje? O que foi estipulado na nossa unidade, no nosso setor, foi que os estudantes de estágio obrigatório, que são aqueles que têm toda a documentação, termos de compromisso, seguro, esses a gente habilita para a AGHU. Eles preenchem o formulário da AGHU e são cadastrados na AGHU. Então, automaticamente, eles já vão para o Invenzi, né? E já ficam com o controle, com o cadastro, com o controle de acesso. Os demais estudantes, extensionistas, antes de visita técnica, que visita técnica é uma atividade bem pontual, é uma atividade de apenas um amanhã,

uma tarde, que vai com um grupo de alunos e as atividades básicas, esses estudantes, eles não têm a AGHU. Eles não têm cadastro a AGHU. Eles apenas preenchem o formulário à parte, no caso anteriormente, né? Para eles apenas terem o acesso ao crachá. Ou, em alguns casos, como é visita técnica, nem crachá a gente fazia para esses. A gente apenas preenchia uma planilha, que era via Teams, e essa planilha aí diretamente para a portaria, para liberar os estudantes. Só que hoje, como todo estudante, qualquer acesso tem que ter QR Code, né? Então, hoje a gente já tá fazendo diferente, né? Mas ainda continua os estudantes de estágio obrigatório com a AGHU e os que não são de estágio obrigatório, a gente tá preenchendo uma planilha à parte, eles estão preenchendo um forms à parte e a gente tá fazendo o cadastro geralmente no Invence, para que eles já que jerem o QR Code de acesso deles.

Filipe (entrevistador) - Entendido.

Pedro (entrevistador)- Apesar dos problemas que se enfrentam com a utilização dessa solução, ela atende a necessidade de vocês ou não?

Thatiane (entrevistada) - A planilha?

Pedro (entrevistador) - Sim.

Thatiane (entrevistada) - Não, não atende. Recentemente eu fiz uma modificação nessa planilha, porque um dos dados e mais importantes que a gente precisa nessa planilha é saber em que setor o estudante está rodando, ele está realizando suas atividades. Anteriormente a gente tinha apenas uma coluna para colocar o setor, só que existem estudantes que vão rodar no HC em diversos setores, mais de um setor, né? E aí, em alguns casos, como é que estavam sendo preenchidas essa coluna, né? Estava, por exemplo, dermatologia mais pediatria mais urologia mais ambulatório. Então, se a gente quisesse um filtro, quantos estudantes estavam na dermatologia? Imagine para você fazer um filtro onde uma célula está escrito um termo mais outro termo, mais outro termo. Era muito difícil de achar. E uma outra coisa também que estava sendo feita, era que foi acordado durante minha licença e não estava nem aqui, em que os estudantes que estavam rodando em mais de um setor, ao invés de escrever setor por setor, setor mais, setor mais, setor, colocaria multissetorial. Então, eles estavam usando o termo multissetorial nessa coluna para colocar, então a gente não sabia. Quando tem multissetorial a gente não sabe qual o setor que ele está rodando, né? E uma das alterações que eu fiz recentemente foi colocar seis colunas nessa planilha, setor 1, setor 2, setor 3, setor 4, setor 5 e setor 6. E aí eu vi um tutorial na internet de como é que a gente pode colocar uma, eu esqueci, uma cortina de opções no Excel, né?

Filipe (entrevistador) - O menu suspenso.

Thatiane (entrevistada) - Isso, menu suspenso. Onde você coloca o menu suspenso com as opções onde você pode clicar e colocar. E aí, em cada uma dessas colunas, setor 1, setor 2, setor 3, setor 4, eu coloquei o menu suspenso, mesmo menu suspenso. Aí, o menu suspenso, tipo, tinha ambulatório, dermatologia, urologia, aí só você escolher e clicar. Aí você, setor 1, dermatologia, setor 2, urologia. E assim, futuramente, a gente querendo fazer um filtro de saber quantos estudantes rodaram em tal setor para ter um indicador, um percentual melhor, fica bem melhor, né? Para a gente ter isso. Mas isso foi feito recentemente e não tá alimentado, né? Não tá, tá defasada a planilha, não tá bem alimentada com relação a esses dados. Oi, Filipe.

Filipe (entrevistador) - É, todos esses setores estão cadastrados no AGHU, né?

Thatiane (entrevistada) - Você me pegou

Filipe (entrevistador) - Ou vocês usam, tipo, uma nomenclatura específica de vocês? Dermato, não sei o que, mas vocês usam subdivisões da dermatologia que não estão cadastrados no AGHU?

Thatiane (entrevistada) - Não, a gente não considera, não. Na verdade, quando eu fiz essa lista, a sua lista, eu me baseei nos setores que a gente utiliza regularmente, que os estudantes rodam regularmente. Nem todos os setores os estudantes rodam. Então, a gente só utilizou os que eles rodam. Até porque existia, nesse menu suspenso, um limite de caracteres para você colocar nessas palavras, menu suspenso. Então, eu tive até que abreviar as palavras e as opções do menu.

Filipe (entrevistador) - É, outra coisa. Os setores são só ambulatoriais ou são ambulatoriais de internação?

Thatiane (entrevistada) - Ambulatoriais e enfermarias também, internações.

Filipe (entrevistador) - Ah, massa.

Pedro (entrevistador)- Agora, nesse momento, se você fosse conceber uma ideia de como seria um sistema assim, bem básico, bem simples, como seria um sistema que, de fato, iria atender o que vocês precisam hoje em dia, na tua visão?

Thatiane (entrevistada) - Certo. Antes de mais nada, eu não sei se Roberta passou para vocês, mas uma coisa que eu estava conversando com ela foi uma necessidade também que a gente tem, que esse sistema, ele converse com outros sistemas da universidade, que seria o SIGAA, o SIGAA e o SIGRES. O SIGAA e o SIGAA é da universidade, o SIGRES é da residência, né? Então, são sistemas que são alimentados pela universidade e sistemas que é alimentado pela residência que seria bom que conversasse com esse sistema, tá? E o que você me perguntou sobre como é que seria para que esse sistema se funcionasse para a gente, é que ele pudesse dar uma devolutiva de forma rápida com relação a, a gente quer saber o estudante que começou e finalizou uma lista, a gente quer gerar um relatório de estudantes que iniciaram o estágio, já finalizaram, ou que iniciaram e estão ainda fazendo o estágio, ou a quantidade de estagiários, de estudantes que estão rodando em determinado setor. Então, assim, seria utilizando diversos filtros, né? Como estágio finalizado, estágio em andamento, setor de rodízio, setor que eles estão rodando atualmente.

Filipe (entrevistador) - Quando, quando...

Thatiane (entrevistada) - Desculpa, oi Filipe.

Filipe (entrevistador) - Desculpa eu que te interrompi. Quando o aluno entra, ele já entra com a data para sair a um período determinado, né? Esse período é fixo para todo mundo, é por semestre, é por ano, como é que é?

Thatiane (entrevistada) - Depende muito do curso, tá? Medicina, por exemplo, o estágio obrigatório de medicina, que é o internato, ele tem duração de dois anos. Uma parte dele é feita no hospital, outra parte é feita em outros serviços de saúde, do estado e da cidade do Recife. Mas, assim, varia muito, depende do curso, né?

Filipe (entrevistador) - Mas vocês sabem, mas assim, vocês sabem de antemão quanto tempo o aluno vai passar aqui, né?

Thatiane (entrevistada) - Sabemos, porque quando ele chega, essa informação já tem que chegar para a gente pela coordenação do curso. A gente já cadastra a data início, a data final da atividade dele.

Filipe (entrevistador) - Ah, isso é até uma das informações que vai na planilha, né?

Thatiane (entrevistada) - Isso. Mas, assim, oi, oi, Roberta.

Roberta (entrevistadora) - Desculpa, eu terminei interrompendo. Era bom, até, para você explicar quais são as modalidades, tipo, explicar um pouquinho para os meninos, a

modalidade de atividades, práticas, estágio, porque existe uma diferença de período, existe isso.

Thatiane (entrevistada) - Carga horária, né? Ah, tá, certo. Com relação ao estágio, né? Como eu falei, a gente recebe atualmente os estudantes para estágio obrigatório. Então, estágio obrigatório é aquela atividade que é obrigatória para o estudante que ele precisa daquela carga horária para colar grau no curso, tá? Então, ele faz isso sem remuneração nenhuma, sem auxílio transporte, porque ele precisa daquela carga horária. Cada curso, ele tem uma área que deve ser cumprida, uns mais, outros menos, tá? Esse é o estágio obrigatório, que ele precisa para colar grau. A outra atividade é a atividade prática, que é uma atividade que ela pode acontecer em qualquer período do curso e que, muitas vezes, pode ser uma carga horária extensa, como estágio obrigatório, mas ela não demanda a documentação que o estágio demanda, como termo de serviço, seguro contra acidentes pessoais, plano de atividade. Atividade prática, resumidamente, é o quê? O aluno tá pagando uma disciplina. Nessa disciplina, ele tem que ter uma carga horária teórica e uma carga horária prática. Então, a teórica, ele vê em sala de aula e a carga horária prática, ele vê nos serviços de saúde, que o hospital é um deles, tá? E, por fim, a visita técnica. Visita técnica é uma atividade muito pontual, que, praticamente, alunos da UFPE, eles não fazem visita técnica. Podem fazer uma vez ou outra, mas a visita técnica é mais dos estudantes de fora, estudantes de outras instituições, que vêm porque entendem que o Hospital das Clínicas é um serviço de excelência e querem conhecer aquele serviço, querem conhecer aquela ambulatória, aquela enfermaria. Então, eles vêm com um grupo de estudante e o docente para fazer aquela visita técnica pontual, naquela tarde, naquela semana, para conhecer aquele serviço do hospital. Não sei se eu fui clara. Se não fui, eu posso explicar melhor.

Pedro (entrevistador)- Foi assim. Pode falar, Maxwell.

Maxwell (entrevistador) - Quais são os cursos? São destinados só ao pessoal de saúde ou qualquer curso dentro da universidade?

Thatiane (entrevistada) - Então, a gente recebe, né? Historicamente, os cursos de saúde são os cursos que mais têm prática dentro do HC, mas a gente também é campo de prática para qualquer curso de saúde, desde que esse curso tenha interesse em ter um hospital como campo de prática para atividade, seja ele estágio obrigatório ou atividade prática. Para vocês terem uma ideia, a gente recebe lá no hospital também o curso de engenharia biomédica, tá? Que faz estágio lá na engenharia clínica. A gente recebe o curso de engenharia mecânica, engenharia elétrica, engenharia civil, engenharia eletrônica, que fazem estágio no setor de infraestrutura do hospital, tá? E outros cursos é mais complicado porque, tipo, a gente já teve estágio lá em pedagogia, em direito, em ciências contábeis, mas esses cursos estagiaram lá numa época, né, Lamartine, que a gente oferecia estágio não obrigatório. Então, aí, foi com pagamento de bolsa e auxílio transporte, né? O estágio não obrigatório, ele não precisa ter aquela carga horária para que o estudante cole em grau, como o nome já diz, é não obrigatório, ele faz como uma forma opcional. Então, por necessidade do hospital, foram elencados alguns cursos de algumas áreas para a gente fazer essa seleção. Então, esses cursos pedagogia, ciências contábeis, administração e direito, arquitetura também, a gente englobou. Só para dar uma informação, uma curiosidade, né? Na época que a gente fez esse estágio obrigatório, não obrigatório, com pagamento de bolsa, a gente abriu vagas para arquitetura e a gente teve uma grande quantidade de estudantes interessados em fazer esse estágio, devido à bolsa, né, que é bem atrativa. Mas, para estágio obrigatório, a gente não tem essa oportunidade no HC. A gente tem um setor de infraestrutura, nós temos um arquiteta lá, que seria uma pessoa que

seria supervisora, que pudesse absorver estudantes de arquitetura, mas não absorve por quê? O currículo do curso de arquitetura da UFPE não prevê o estágio obrigatório. Então, o estágio obrigatório não faz parte do currículo do curso de graduação em arquitetura da UFPE. Então, os estudantes de arquitetura da UFPE só fazem estágio se for o estágio não obrigatório. Mesmo que a gente diga assim, não, mas a gente abre vagas, podem vir para cá, estagiar, mas como não tem bolsa, é claro que eles vão procurar um outro estágio. Então, a gente fica sem conseguir esses estudantes, né, para absorver lá no hospital.

Maxwell (entrevistador) - Mas, seria interessante, então, constar lá todos os cursos, para que, porventura, você receba ter lá a opção de colocar aquele curso.

Thatiane (entrevistada) - Exatamente, recentemente, a gente fez um levantamento de, a gente olhou projeto pedagógico de curso, todos os projetos pedagógicos de curso, dos cursos da universidade, e verificou quais poderiam, teriam potencial de serem absorvidos pelo hospital. Então, a gente tá nessa, nesse levantamento. A próxima etapa seria entrar em contato com os coordenadores de estágio e mostrar, né, que nós temos espaços, nós temos setores no hospital que poderíamos absorver esses estudantes pelo estágio.

Lamartine (entrevistador) - E necessidade, né, Tati?

Thatiane (entrevistada) - Exatamente.

Roberta (entrevistadora) - Ô Tati, é nesse caso, o sistema trataria essa vaga, entenderia essa vaga como a mesma desses outros, de estágio, de residência, porque, assim, são locais pontuais, né, vamos dizer, para a engenharia. Vamos supor, seria o quê? Quantas vagas? Porque a minha dúvida é justamente essa. Se nesse sistema de alocação de vagas, é justamente que você vai trabalhar com a logística, o quantitativo.

Thatiane (entrevistada) - Sim.

Roberta (entrevistadora) - Mas se aquele setor, sei lá, eu vou falar de arquitetura, uma engenharia, né, engenharia civil, ali não vai precisar de muitos estudantes. Vai ser o quê? Um, dois, aí é fácil alocar vaga? Ou vai ser tratado do mesmo jeito, essa logística de alocação? Entendeu essa minha pergunta?

Thatiane (entrevistada) - Deixa eu ver se eu entendi sua pergunta. Você fala com relação aos cursos de saúde, para esses cursos que são mais pontuais, é isso, no hospital?

Roberta (entrevistadora) - Isso, é. Você vai cadastrar do mesmo jeito, vai cadastrar ele do mesmo esquema que cadastra os outros, né?

Thatiane (entrevistada) - Isso, do mesmo jeito, até porque os setores de atuação desses estagiários é diferente. Por exemplo, o estudante de saúde não atuaria numa engenharia clínica, apenas o estudante de engenharia. O estudante de saúde não atuaria no setor de infraestrutura, apenas os estudantes de edificações, de engenharia mecânica, elétrica, civil.

Roberta (entrevistadora) - Então, é se você faria um controle também no sistema, esses que são mais pontuais.

Thatiane (entrevistada) - Isso, você me lembrou agora uma coisa importantíssima, que esse sistema, a gente precisa que esse sistema dê resposta pra gente, é com relação ao panorama de distribuição no hospital naquele momento. Tipo, seria interessante que o sistema pudesse abrir uma tela e eu pudesse ver que esse sistema, ele soubesse que aquele setor, tipo, comporta cinco estudantes, mas que naquele momento tem quatro estudantes, então tem uma vaga sobrando. Então, se um estudante pedir uma vaga pra mim, eu posso colocar lá, porque eu sei que tá indicando ali, que tem uma vaga sobrando, entendeu? Isso seria, nossa, seria o céu pra gente. A gente pudesse ver em tempo real, uma planilha e saber que tal setor tem uma vaga sobrando, ali tá ocupada a lotação máxima, não pode mais colocar nenhum estudante, isso seria maravilhoso. Além dos dados,

né? Além dos dados, de informações de gerar relatórios pra gente, informações, dados pessoais dos estudantes, cadastro deles, dados pessoais, enfim. Oi, Maxwell.

Maxwell (entrevistador) - Hoje vocês têm nessa planilha, a coluna que você colocou os dados do estagiário, o curso que ele tá fazendo, e até oFilipe perguntou se você entra na dermatologia, se você entra nas especialidades, você disse que não, mas aí quando você falou aí tem engenharia clínica, esses setores dentro do HC, você, nessa sua planilha de hoje, você aloca o estudante no setor, é o curso, e o setor tem lá a informação, é?

Thatiane (entrevistada) - Isso, é. Tem uma coluna que tem o curso que ele faz parte, outra coluna que é o setor, ou setores onde ele tá rodando.

Maxwell (entrevistador) - Aí esse organograma é o AGHU, ele tem, né?

Thatiane (entrevistada) - É, oFilipe ele saiu, não foi? Mas assim, no AGHU existem os setores, né? Na verdade eu não tenho nem acesso ao AGHU, né?

Lamartine (entrevistador) - Mas é isso, é. O organograma como é da EBSERH oitenta e dois serviços, unidades, setores, e em alguns casos, quando é instituído pelo hospital, tem, acho que aparece que a Coreme também tem acesso, aí quando tem um requisito lá no software, que é uma unidade que não tá formalmente no organograma, mas é, é, é completo, é a universidade, ele pode, manda pra Brasília e eles lançam lá, como a Coreme, como um exemplo, como a Coreme é. Mas assim, essa plataforma das unidades, dos serviços, eles, ele tá pronta dentro do AGHU e funciona por ela. Então, tá, deixa eu te fazer uma pergunta, assim, é, primeiro a gente recebe, sim, de outros lugares, né? A gente já teve aqui a questão, tu lembra do IFPE, não foi? Ver os técnicos de segurança do trabalho e tal. Então, aquilo que Roberto, pra deixar bem sedimentado, que qualquer forma de entrada, desde que seja passível, que tenha anuência da gestão, você precisaria de um sistema que tratasse isso igual, né? Ou regular, através da universidade, um convênio, como a gente fez com o IFPE, ou aqueles estudantes de medicina que optaram por aquele, que a gente fez lá com aquela professora lá de medicina, que era saúde coletiva, que eles passaram pela gestão, lembra?

Thatiane (entrevistada) -

Ainda existe, a gente tá passando.

Lamartine (entrevistador) - Ainda existe ainda, né? Então, aquilo é não obrigatório.

Thatiane (entrevistada) - Esse estágio? Era obrigatório aquele. É obrigatório, isso.

Lamartine (entrevistador) - Ah, porque é uma disciplina, né? É, tá certo, né?

Thatiane (entrevistada) - Porque dentro do internato, eles têm que rodar em algumas áreas, como pediatria, clínica médica, clínica cirúrgica.

Lamartine (entrevistador) - Obstetria, né?

Thatiane (entrevistada) - Obstetria, esse estágio tá dentro do estágio saúde coletiva.

Lamartine (entrevistador) - Certo, perfeito. Que é isso que eu passei aí por meninas. A gente teve um momento que alguns alunos optaram por escolher essa disciplina, que aí é dar um panorama geral de gestão de saúde. E aí, eles ficaram imersos lá dentro da administração do hospital, para entender como funciona a gestão e tal.

Perfeito.

Roberta (entrevistadora) - Ô Tati, uma pergunta aqui, inclusive é uma pergunta deFilipe também, uma dúvida, é porque a gente sabe que a GEP, ela cuida também das salas, né? Da utilização das salas. Das salas. Aí, eu queria saber o seguinte, no sistema isso seria tratado ou já existe um sistema, já existe uma forma de fazer?

Thatiane (entrevistada) - Quando você fala em sala, você fala sala de aula...

Roberta (entrevistadora) - Aquelas pedagógicas, aquelas salas pedagógicas. Eu me lembro que vocês tinham um agendamento.



Thatiane (entrevistada) - Isso, o agendamento é online. Ele é online. Então, existe uma plataforma lá em que o docente, o estudante, o residente entra lá e escolhe a sala que ele quer utilizar, de acordo com a capacidade, a data e o horário. Então, toda a gestão das salas de atividades, não só as pedagógicas, mas também os anfiteatros, é toda feita por esse sistema de reserva de sala.

Lamartine (entrevistador) - Os ambientes de ensino ligados à GEP. Eles são agendados através desse sisteminha.

Thatiane (entrevistada) - Isso.

Lamartine (entrevistador) - Não é algo muito rebuscado, não, mas dá um panorama, né?

Thatiane (entrevistada) - Isso.

Lamartine (entrevistador) - Tem, hoje tem.

Thatiane (entrevistada) - Eu não sei se eu cheguei a enviar para a Roberta, se a Roberta compartilhou com vocês, a gente teve há um tempo atrás, dentro justamente desse estágio não obrigatório que a gente remunerava, um estudante de engenharia da computação, que era a Jônata, então, Jônata, a gente direcionou as atividades dele para dar um apoio, um suporte inicial para tentar bolar o sistema de gestão e monitoramento de vagas no HC. E ele fez um protótipo lá, eu acho que a Roberta compartilhou com vocês, não sei se chegou a...

Roberta (entrevistadora) - Eu compartilhei a planilha, aquela planilha do Excel.

Pedro (entrevistador)-Filipe mostrou, acho que foi aFilipe que mostrou.

Roberta (entrevistadora) - Eu acho queFilipe tem essa...

Thatiane (entrevistada) - Sim.

Lamartine (entrevistador) - E é o que ele deixou, estava ligado ao CETISD, que antes não era nem CETISD, era Alexandre Luna, tu lembra, né, Tati?

Thatiane (entrevistada) - Sim.

Lamartine (entrevistador) - Pronto, aí ele ficou lá no repositório de Alexandre e aí, assim, dá um panorama para a gente o que já foi trabalhado, já tinha de concepção para resolver.

Thatiane (entrevistada) - Sim.

Roberta (entrevistadora) - Porque, assim, eu acho que na ocasião, eu acho que eu estava até saindo, eu acho, né?

Thatiane (entrevistada) - Não, você estava lá com a gente.

Roberta (entrevistadora) - Foi?

Thatiane (entrevistada) - Foi na época de Gisele, outra bolsista, que ela trabalhou junto com ele.

Roberta (entrevistadora) - Foi o menino que saiu, né, o estagiário que saiu depois.

Thatiane (entrevistada) - Foi.

Roberta (entrevistadora) - Mas estava em andamento, né, tinha algumas coisas, algumas pendências, né, que precisava...

Thatiane (entrevistada) - Isso.

Roberta (entrevistadora) - Algumas modificações, não era? Eu lembro, eu lembro mais ou menos disso.

Thatiane (entrevistada) - Exato.

Pedro (entrevistador)- Em nível de sistema, dificilmente a gente vai conseguir aproveitar alguma coisa do que já foi feito. Pensando no sistema em si, né? Mas de questão de ideia, de concepção do funcionamento em si, o conceito, obrigado, Lamartine, são coisas que dificilmente nós não iremos aproveitar. Agora, vamos conversar um pouquinho sobre o sistema em si. Isso aí é um pouquinho mais sobre a necessidade. No caso desse cadastro de aluno, de vaga, de serviço, quem ficaria responsável por esse cadastro? Já estamos pensando no sistema que vai ser concebido já. Quem ficaria responsável por esse cadastro?

Thatiane (entrevistada) - O cadastro dos dados dos estudantes?

Pedro (entrevistador)- É, dos estudantes, das vagas e dos serviços também, se for preciso.

Thatiane (entrevistada) - Falando em estudante da UFPE, como eu falei inicialmente, que a gente gostaria que ele conversasse com o sistema, conversasse com o SIGAA e com o SIGARES, a gente pensou num sistema em que a gente pudesse lançar um dado, ou o primeiro nome, ou o CPF, e o sistema já baixasse as informações desse estudante. Qual o curso que ele é, se ele está matriculado, em qual disciplina. Aí isso seria conversando com o SIGAA e com o SIGAR, para estudante da UFPE. Só que a gente sabe que essa panela vai ser alimentada não só com estudantes da UFPE, mas com estudantes de fora também. Aí com os estudantes de fora não vai ter como conversar com o SIGAA e com o SIGAR, teria que alimentar manualmente mesmo. Mas quem iria alimentar seria internamente, nosso pessoal da UGETE. Bolsistas, nosso servidor administrativo, seria uma alimentação interna mesmo, pela nossa equipe.

Pedro (entrevistador)- Da UGETE e da UGPOS também, né?

Thatiane (entrevistada) - Isso, UGETE e UGPOS, é. Exatamente. Veja, quando eu mandei para vocês essa planilha do Excel, é uma planilha do Excel voltada para UGETE, porque são estudantes de graduação, né? Estágio obrigatório, atividades práticas e visitas técnicas. Mas esse sistema seria um sistema maior, em que a gente pudesse visualizar, como eu estou falando para vocês, né? Seria maravilhoso, se a gente pudesse verificar. Tipo, vou abrir a janela da dermatologia. Ali eu sei que na dermatologia tem dois residentes, tem dois estudantes de graduação, tem três estudantes extensionistas, tem quatro estudantes de liga acadêmica. Então, um panorama geral de estudantes e atividades naquela janela que a gente abre, entendeu? Seria maravilhoso. Hoje a gente não tem. Se a gente quiser saber quantos residentes tem e quantos estudantes de graduação tem, tem que conversar com a UGEPOS, conversar lá com o pessoal. Quantos residentes tem aqui na dermatologia? Eles falam tantos. E de nutrição, tem tantos. E de multiprofissional. Então, cada caixinha que sabe o seu. Se a gente pudesse ter um sistema único que conversasse, se a gente pudesse ter um panorama de saber quantos residentes da multidemutrição, da enfermagem, medicina, e quantos estudantes de graduação estão rodando naquele setor, para a gente saber a capacidade instalada, seria maravilhoso. Oi, Maxwell. Pode falar para mim.

Maxwell (entrevistador) - Para a gente aqui, quando a gente estava conversando, a gente estava falando estagiário, estagiário. Mas eu vi na sua fala que tem estagiário, residente, tem algumas categorias. Quais são? Tu pode falar.

Thatiane (entrevistada) - Então, na UGEPOS, que é a unidade de pós-graduação, a gente tem os residentes. Residentes, que é a modalidade de pós-graduação lato sensu. É uma atividade, ensino em serviço. Temos residentes, temos estudantes de graduação. Aí, esses de graduação, eles podem estar realizando estágio obrigatório, atividade prática ou visita técnica. E, além disso, voltando mais um pouquinho para a pós-graduação, além dos residentes, tem também os estudantes de mestrado ou doutorado, que não são do hospital, são da universidade, mas que podem realizar alguma atividade dentro do hospital, alguma atividade de ensino. É uma minoria, mas pode existir.

Pedro (entrevistador)- O que seria essa liga acadêmica aí que tu falou um pouco atrás?

Thatiane (entrevistada) - Liga acadêmica é uma atividade dos estudantes de graduação. É uma atividade que não é obrigatória do curso. Eles realizam essa atividade como uma atividade opcional para aprender mais sobre uma determinada especialidade. Tipo, a gente tem a liga acadêmica de pediatria. São estudantes, geralmente de medicina, que se interessam, que estudaram alguma disciplina sobre pediatria, gostaram tanto e que querem aprender mais sobre pediatria. Então, eles formam a liga acadêmica de pediatria sobre a

coordenação de um docente. Então, nessa liga acadêmica, eles realizam mais atividades para além daquelas obrigatórias que eles têm que realizar dentro do curso. Então, eles fazem mais ambulatório, eles fazem mais pesquisa, eles participam de congressos, todas as atividades ligadas à pediatria. A gente tem diversas ligas acadêmicas no hospital. A gente tem a liga acadêmica de pediatria, de dermatologia, de urologia, de anestesiologia, de cirurgia plástica. Então, cada estudante, de acordo com o seu interesse maior, vai procurar participar daquela liga acadêmica para saber um pouco mais sobre aquele assunto que é do seu interesse.

Roberta (entrevistadora) - A questão da liga acadêmica nessa situação, Tati, eu queria que você confirmasse. São vários estudantes que ficam circulando dentro dos setores, mas esses estudantes circulam de que forma? É um período certo para aquele estudante estar naquele lugar? Ou ele pode estar, entendeu? Entendendo o que é a vaga para esse estudante de liga acadêmica. Porque a gente sabe que o de estágio, a gente sabe que aquela vaga naquele período vai estar para ele. E nesse caso, como é que se trata isso?

Thatiane (entrevistada) - A liga acadêmica hoje, ela é registrada dentro do sistema vigente da PROEXC, que é o SIGPROJ, certo? Apesar de ser registrada no SIGPROJ, a liga acadêmica não é considerada apenas extensão. Ela é ensino, ela é pesquisa e ela é extensão. Elas são as três coisas. Então, a liga acadêmica, ela é elaborado um projeto dessa liga acadêmica. Existe uma ata de fundação, que é formada pelos estudantes, em que eles fazem o registro dessa atividade da liga acadêmica que tem início, meio e fim. Então, quando a liga acadêmica é proposta, ela é encaminhada essa proposta para a gente, a gente entra em contato com o serviço onde os estudantes e docentes querem realizar a atividade dentro do hospital e priorizando a atividade que é obrigatória, que é o estágio, se o chefe de serviço entender que existe possibilidade de aquelas atividades da liga acadêmica funcionarem também, então a liga acadêmica vai funcionar. De acordo com o cronograma pré-estabelecido de dias e horários durante a semana. Então, no final é gerado um relatório, onde esse relatório é encaminhado via SIGPROJ, para que essa atividade da liga acadêmica ela possa ser renovada no ano seguinte. Então, ela é renovada anualmente.

Pedro (entrevistador)- Perfeito. Maxwell vai falar alguma coisa?

Thatiane (entrevistada) - É mais ou menos isso, Roberta. Se você quiser complementar, viu, fique à vontade.

Roberta (entrevistadora) - É porque a minha preocupação também é saber se... Porque quando você fala em questão de vaga dentro do hospital para estágio, para residente, a gente sabe quem é o estudante para aquela vaga, não é isso?

Thatiane (entrevistada) - Isso. Mas, nesse caso, a gente tem condição de saber que é fulaninho de tal que é para aquela vaga, ou é uma vaga que vai circular, hora vai circular, fulaninha ou cicraninha. Está entendendo?

Thatiane (entrevistada) - Não, estou entendendo. Estou entendendo. Tipo assim, vamos supor, na dermatologia, eu tenho dez vagas. Quatro para residentes, três para estudantes de graduação, tantas para a liga acadêmica. Seria isso?

Roberta (entrevistadora) - É, porque a gente sabe que para estágio vai ter um período. Então, Fernando, Maria, José, Antônio vão estar sempre naquela semana, naquele dia de segunda-feira, tal hora, naquele local. Mas, de liga acadêmica, aquele fulaninho de tal vai estar naquele local, naquele... Você deixa reservada uma vaga para ele?

Thatiane (entrevistada) - É uma coisa que a gente poderia pensar, pensar melhor. Eu poderia pensar junto com as meninas lá, a minha chefe de setor, Gisele, com Isabela, da UGPOS, com a doutora Cláudia também. Mas assim, porque a liga acadêmica não é uma

atividade obrigatória, como são as outras. Então, não sei se a gente poderia estabelecer e fixar essa quantidade de vagas de liga acadêmica dentro desse sistema. Está entendendo?

Roberta (entrevistadora) - Pois é, a minha dúvida é justamente isso. É, poderia se estabelecer... Como é a alocação de vagas, a gente tem que saber que tal vaga vai para um aluno. A gente vai contabilizando assim, por aquele aluno que já, vamos dizer assim, atestou que vai ficar, que vai estar naquele local.

Thatiane (entrevistada) - Sim. Entendi. É, uma coisa a se pensar. Mas eu acredito que a gente vai ter muitas reuniões daqui para frente. E a gente vai pensar, vamos pensar em conjunto aí. São coisas que vão surgindo. São dúvidas nossas também. A gente vai alinhando.

Pedro (entrevistador)- Pronto. Dando prosseguimento aqui. Quais as informações que esse sistema necessitaria de receber do AGHU? T- Do AGHU?

Pedro (entrevistador)- Sim. Pensando... O primeiro ponto é o seguinte. A gente está nessa fase da força-tarefa do controle de acesso, não é? E como eu falei anteriormente, apenas os estudantes de estágio obrigatório têm cadastro no AGHU. Os demais estudantes, que são de extensão, de atividades práticas, de visitas técnicas, hoje não têm cadastro no AGHU. Então, para esses estudantes terem a credencial de controle de acesso, a gente está fazendo o controle manualmente no Invenzi. Mas existe uma proposta de Wagner, que é a que está coordenando essa questão do controle de acesso, de que todos os estudantes, todos os colaboradores, todos os docentes, todo mundo tem acesso ao AGHU, tá? O AGHU que é o sistema que, dentre outros módulos, tem um módulo de prontuário eletrônico do paciente, que é o que o estudante, o docente muitas vezes usa para fazer evolução, para dar uma aula, enfim. Mas só que tem docentes e tem estudantes que não têm necessidade de terem acesso a esse módulo de prontuário do paciente, tá? E, assim, o que Wagner tem colocado é que todo mundo tem que ter o AGHU, mas nem todo mundo precisaria ter permissão para acessar esses módulos, tá? Então, quais informações, a sua pergunta, né? A gente teria que trazer do AGHU para esse sistema. Basicamente, os dados pessoais, tá? Então, todo mundo estando no AGHU, estudante de estágio obrigatório, visita técnica, atividade prática, a gente precisaria do nome completo, CPF, matrícula, mas a estudante não tem matrícula, a matrícula é o próprio CPF. Curso, tá? Nome completo, e-mail, telefone, que é muito importante, nome completo, e-mail, telefone, curso, CPF, que eu me lembro, mas basicamente é isso. Seria basicamente isso. Talvez tinha outro dado, mas seria basicamente isso.

Roberta (entrevistadora) - Então, Thatiane, o AGHU funcionaria da mesma forma que o SIGAA, vamos supor, se o SIGAA não se comunica, vamos dizer assim, com esse sistema, o AGHU, ele pode trazer essas informações E aí, no caso, as informações que seria do SIGAA, o AGHU poderia dar? Então, daria tanto dos alunos da UFPE, como dos alunos de fora, que eles já estariam cadastrados? Poderia funcionar assim?

Thatiane (entrevistada) - Poderia. Somente uma informação que o AGHU não daria, que seria a informação da confirmação de matrícula dele. Porque, vindo do SIGA, a gente sabe que ele está matriculado naquele semestre, naquela disciplina, em estágio obrigatório. Então, seria uma confirmação para a gente que ele está matriculado, que o AGHU não daria.

Roberta (entrevistadora) - Certo, mas vamos supor, mais uma vez, como é que funciona, então, a comunicação dos coordenadores de estágio e de curso nessa questão? Porque é eles que enviam a listagem dos alunos ou não? Como é que funcionaria?

Thatiane (entrevistada) - Isso, a coordenação de curso. No caso de estágio obrigatório, existe uma documentação, que é uma documentação que está prevista em lei, que é o

termo de compromisso, o plano de atividades, o seguro contra acidentes pessoais. Isso é previsto em lei. No caso das outras atividades, que são atividades, as aulas práticas, não existe uma documentação como estágio. Ele envia uma planilha para a gente, com a só listação de aula prática para aquele setor, para aquela data, para aquele período específico.

Roberta (entrevistadora) - Então, assim, teoricamente, isso poderia dizer que ele está matriculado ou não? O quê? Vindo da coordenação do curso? Sim.

Thatiane (entrevistada) - Então, a gente crê que aquela informação, quando vem, é porque ele está matriculado.

Roberta (entrevistadora) - Certo. Entendi. Outra dúvida, rapidinho, Pedro. O que passou é a questão dos setores, dos serviços do HC. Qual é a relação de vocês, da UGAGETE e a UGAPOS, como é o nome? UGPOS, como é o nome?

Thatiane (entrevistada) - UGETE e UGEPOS. Mudou, Roberta. Mudou.

Roberta (entrevistadora) - O UGETE e o...

Thatiane (entrevistada) - UGPOS.

Roberta (entrevistadora) - Como é que esses setores, esses supervisores, que chamam agora, chefe de unidade, como é que esses supervisores dizem para vocês das vagas? Eles vão poder colocar lá no sistema, eu tenho tantas vagas, ou é por e-mail, como é que vai ser? Como é que é isso?

Thatiane (entrevistada) - Então, se a gente habilitasse, se a gente desse a permissão para que esses supervisores alimentassem o sistema com a quantidade de vagas, a gente poderia ter uma certa dificuldade, porque existe uma dificuldade muito grande de comunicação, de não resposta às nossas demandas, então o sistema poderia ficar defasado por não estar sendo alimentado, porque como dá permissão para várias pessoas, acaba a gente perdendo um pouco essa gestão.

Roberta (entrevistadora) - Então era melhor centralizado.

Thatiane (entrevistada) - A gente poderia solicitar essa informação via SEI, que é o nosso sistema eletrônico de informações, ou via e-mail, e nós, enquanto gestão da UGETE, alimentaríamos o sistema, entendeu?

Roberta (entrevistadora) - Certo, então seria centralizado. Isso.

Thatiane (entrevistada) - Tá. Mas assim, centralizado, mas seria importante que o pessoal lá da ponta do serviço, os supervisores, tivessem permissão como visualizador, sem edição. Caso eles quisessem visualizar. Eu vou abrir aqui a tela para saber aqui, no meu serviço, na minha enfermaria, quantos estudantes, quantos residentes eu tenho. Então seria interessante que lá na ponta ele pudesse, com login, com a senha, acessar e poder visualizar o cronograma ali, saber quantos estudantes tem naquele mês, naquela semana, naquele dia, rodando ali no ambulatório, no serviço dele. Ok, Pedro.

Pedro (entrevistador)- Foi que minha internet caiu, mas voltou. Pronto. Dessas informações, além das informações sensíveis, como CPF, alguns outros dados mais pessoais, quais delas seriam confidenciais? Como eu falei, além dos dados sensíveis dos alunos.

Thatiane (entrevistada) - Que seriam confidenciais?

Pedro (entrevistador)- Sim.

Thatiane (entrevistada) - Reverido a AGHU?

Pedro (entrevistador)- Que vão rodar no sistema em si.

Thatiane (entrevistada) - Ah, sim. Não, confidencial acho que só são os dados sensíveis mesmo. CPF, e-mail, telefone.

Pedro (entrevistador)- Voltando para a alimentação dos dados. Seria tudo centralizado na UGETE e na UGPOS ou se criariam múltiplos perfis? Por exemplo, um perfil para permitir

que um coordenador de estágio, que um coordenador de residência também coloque vagas, faça cadastro, etc.

Thatiane (entrevistada) - Sim, importante. Porque, como você falou, a gente tem as coordenações de residência. Então, temos quatro grandes programas de residência. Então, seria interessante que eles tivessem acesso. Tanto os coordenadores, como o pessoal da secretaria de cada programa de residência.

Pedro (entrevistador)- Mas eles teriam acesso só para visualizar ou para alterar também?

Thatiane (entrevistada) - Editar. Também editar. Para visualizar, somente quem está na ponta. Que vai receber ajudante, que é o chefe do serviço. Certo.

Pedro (entrevistador)- Então, para permitir, por exemplo, esse cadastro de um perfil diferente. De um coordenador de estágio, de um coordenador de residência, como eu falei. Não vai ser necessário algum tipo de anuência. A UGETE vai ter que permitir isso daí. A UGPOS vai ter que permitir isso daí.

Thatiane (entrevistada) - Desculpa, pode repetir a pergunta, Pedro?

Pedro (entrevistador)- Pronto. Para esses perfis diferentes, além da UGETE. Quando forem criadas, por exemplo. Vai ter a necessidade da UGETE autorizar isso daí? Ter a anuência da UGETE?

Thatiane (entrevistada) - Não. Se for dados relativos à residência, se for dados relativos à pós-graduação, eles têm autonomia para poder fazer isso. A UGETE ficaria responsável apenas pela parte da graduação.

Roberta (entrevistadora) - Tati, quando você fala isso, você fala das pessoas, dos coordenadores do HC, não é isso?

Thatiane (entrevistada) - Isso, exatamente. Não são coordenadores de curso.

Roberta (entrevistadora) - Não são os coordenadores da UFPE de curso.

Thatiane (entrevistada) - Não, coordenador de programa de residência. Coordenador do programa de residência médica, residência de nutrição, residência de enfermagem, residência multiprofissional. Que são vinculados ao próprio hospital.

Maxwell (entrevistador) - E no caso das ligas também, dentro do HC?

Thatiane (entrevistada) - Então, as ligas são formadas por estudantes da UFPE, coordenadas por um docente. Então, pensando dessa forma, elas são vinculadas aos departamentos, e não ao hospital. Elas têm prática e atividade no hospital, mas são vinculadas aos departamentos.

Maxwell (entrevistador) - Então, tem que permitir também que o chefe do departamento faça esse registro ou não?

Thatiane (entrevistada) - Não, não. Porque ele vai utilizar o campo de prática do HC. Então, seria nós, enquanto UGETE, consultando a chefia do serviço, que alimentaria essa parte das ligas acadêmicas. A UGETE alimentaria várias ligas acadêmicas, estágio obrigatório, tudo o que fosse relativo à graduação, diante consulta e acordo prévio com a chefia do serviço.

Pedro (entrevistador)- Então, os estudantes, em hipótese alguma, têm acesso a esse sistema? Nem para visualizar?

Thatiane (entrevistada) - Estudantes? Não, ele poderia visualizar, como edição, para saber em que setor ele está lotado. Ele só veria a própria informação? Isso, a própria informação. Ele poderia ver, se o sistema pudesse ver, o cronograma de onde ele vai rodar, quais são os dias, até quando. Se pudesse ter uma opção dele baixar o termo de compromisso dele, seria ótimo. Quando a gente pudesse fazer o upload da documentação dele, né? Termo de compromisso, seguro, planatividade, ele pudesse consultar, seria ótimo. Nossa, já estou visualizando outras coisas que não tinha nem pensado antes. Olha, gente, deixa eu falar

uma coisa para vocês. Se esse sistema realmente sair, e, de fato, for um sistema que possa atender a nossa demanda, a EBSERH vai ficar bastante satisfeita e pode até replicá-la para outros hospitais universitários, viu? E aí, nós vamos ficar muito famosos.

Pedro (entrevistador)- Infelizmente, pelo tempo que a gente tem, é um tempo muito curto, acredito que a gente não vai conseguir atacar em todas as frentes. A gente vai tentar, pelo menos, o que for mais crítico, né?

Thatiane (entrevistada) - Sim.

Pedro (entrevistador)- Mas, daqui a pouco, a gente chega nisso. Roberta, você ia falar alguma coisa? Que eu te interrompi. Não, eu não ia, não. Não. Ah, ok. Na tua visão, seria necessário um portal de oportunidades também?

Thatiane (entrevistada) - Um portal de oportunidades? De estágio, é o que você fala? De práticas, de vagas?

Pedro (entrevistador)- Isso, isso.

Thatiane (entrevistada) - Eu não sei. Para que o aluno pudesse visualizar?

Pedro (entrevistador)- Sim, para o aluno fazer um cadastro, alguma coisa, de alguma intenção de vaga, etc.

Thatiane (entrevistada) - Não sei. Existem alguns setores aqui no HC que é feita seleção, tá? São setores em que a quantidade de estudantes que querem realizar o estágio obrigatório lá é maior do que o setor com porta. Então, é feita uma seleção. Mas isso não são em poucos setores. Eu posso dizer para vocês os setores quais são. É o setor de serviço social, o setor de laboratório, unidade de laboratório. Todos os demais setores absorvem a quantidade de estudantes que o curso manda, o curso envia. Mas esses dois setores fazem essa seleção porque eles não podem absorver todos os que o curso quer encaminhar. Então, não vejo necessidade, não, de fazer um portal de oportunidades, não, porque só tem esses dois setores mesmo e já existe essa prática, essa coisa de seleção. Então, acho que não.

Pedro (entrevistador)- Entendi. Quais relatórios... Tu já citou alguns aí, alguns relatórios, mas quais relatórios que seriam interessantes de serem produzidos?

Thatiane (entrevistada) - Então, quantidade de estudantes por setor, quantidade de estudantes e relação de estudantes por período determinado. E quando eu falo estudante, está incluindo o estudante, o residente, de acordo com as categorias que a gente está conversando aqui. É... Relação de estudantes por curso, estagiando em determinado setor. Inúmeros relatórios. O que puder de relatórios serem gerados seria interessante. Assim, eu posso depois parar com mais calma e tentar pensar, fazer um checklist melhor dessas informações e passar para vocês.

Pedro (entrevistador)- Entendi. Numa visão geral, como eu te falei, a gente tem um tempo muito... Tempo curto, relativamente curto. Então, de tudo isso, o que você consideraria mais crítico assim? Essencial. Isso daqui, de fato, a gente precisa ter. Isso daqui é essencial para a gente nesse momento, de fato.

Thatiane (entrevistada) - Essa questão de visualizar... Tem uma tela onde a gente visualize quais setores estão ocupados, quais ainda têm vaga, quais eu posso mandar mais alunos, quais eu não posso mandar porque já está lotado. Essa questão mesmo de visualizar a capacidade instalada por setor. Uma tela em que a gente pudesse visualizar isso seria perfeito. Entendi.

Pedro (entrevistador)- Na sua avaliação, o que seria uma solução de sucesso, de fato, para vocês?

Thatiane (entrevistada) - Uma avaliação? Não, uma avaliação de o que seria uma solução de sucesso, nesse caso. Uma solução de sucesso? Como você idealizaria, assim? Um cenário perfeito. Dá para...

Thatiane (entrevistada) - Ah, um cenário perfeito, não é? Que, além disso, pudesse gerar todos os relatórios, pudesse ter essa conversa, o sistema conversar, se com o SIGAA da universidade, com o SIGA e o SIGRES, que é o sistema de gestão de residências. Basicamente, é isso. Pudesse gerar relatórios, a gente pudesse puxar dados pessoais dos estudantes, o pessoal lá da ponta do serviço pudesse ter o perfil de visualizador e pudesse visualizar que estudantes, que residentes vão estar rodando naquele período determinado. Seria basicamente isso.

Roberta (entrevistadora) - Tati, persistiu uma dúvida minha com relação aos supervisores mesmo, dos setores. Eles, no caso, eles teriam acesso... Seria interessante que eles colocassem as vagas que tem no setor. Isso você faz anualmente, não é isso?

Thatiane (entrevistada) - É. Isso.

Roberta (entrevistadora) - É como se fosse essa capacidade instalada, você faz... Todo ano você faz isso, não é?

Thatiane (entrevistada) - É. Mas você entende que isso precisa ser centralizado. Eles, de alguma forma, enviam para você e você que faz esse cadastro, não é isso?

Thatiane (entrevistada) - Exato, exato.

Roberta (entrevistadora) - Tá, entendi.

Thatiane (entrevistada) - Por que eu falo isso? A gente tem uma dificuldade muito grande, não é? Quando a gente depende de alguma... de alguma necessidade de solicitar para as chefias de serviço, por exemplo, assinatura de termos de compromisso. Muitas vezes a documentação fica parada por dias sem assinatura, porque é uma correria muito grande nos ambulatórios, nas enfermarias. Então, eu penso que demandar essa atividade a mais para eles poderia ser oneroso para a gente no sentido de não ter o sistema alimentado como a gente gostaria, não é? MR -esmo que isso gere um trabalho a mais para você, não é? Que a gente sabe que...

Thatiane (entrevistada) - Isso, isso. Que existe, mas você prefere porque você acha que a celeridade vai acontecer dessa forma, não é?

Thatiane (entrevistada) - Isso.

Roberta (entrevistadora) - Tá.

Pedro (entrevistador)- Pronto. É basicamente isso. Alguém da equipe tem mais alguma pergunta a fazer?

Roberta (entrevistadora) - O Lamartine congelou ali, olha. Não foi? Eu já acho que satisfiz minhas perguntas.

Thatiane (entrevistada) - Não sei se o que eu falei aqui atendeu as expectativas de vocês, mas...

Pedro (entrevistador)- Superou.

Thatiane (entrevistada) - Foi bom que bom. Fico feliz.

Roberta (entrevistadora) - Mas a gente já tinha dito isso, Tati, que você ia superar as expectativas.

Thatiane (entrevistada) - Gente, assim, eu estou muito feliz assim mesmo, sabe? Porque, assim, mesmo como o Pedro falou, vocês têm um tempo muito curto, não é? Para poder pensar e elaborar isso. Mas mesmo com isso, mesmo com esse tempo curto, eu fico muito grata e agradeço bastante a oportunidade de a gente estar trazendo essa nossa dor, esse nosso problema, para que vocês tragam uma solução, não é? Se não for uma solução do



que a gente gostaria como uma grande... O ideal, mas, assim, o que vocês conseguirem fazer vai ser de grande valia para a gente. Roberta sabe, não é?

Roberta (entrevistadora) - É isso aí. Eu entendo muito da sua dor. Eu sei sua dor.

Lamartine (entrevistador) - A gente tem tanta deficiência de sistemas, de tantas coisas, não é, Tati? Você passou aí para a gente, é um verdadeiro arcabouço de dia a dia para poder lançar em uma planilha dessa. É incrível. Pensa a gente lá também para acompanhar algumas coisas lá de preços, de licitação, é do mesmo jeito também. Sempre alguém lançando em uma planilha, aí acontece um atropelos que no hospital é muito comum, aí para, com 15 dias alguém vem e diz, olha, mas aquele dado deve ser preciso, atualiza. E a gente sai nesse corre-corre da vida aí. Mas sem dúvida que a gente puder, mesmo com essa expectativa e agora com esse entendimento melhor, vai ajudar bastante agora para a gente poder desenvolver melhor. Eu caí aqui, o notebook caiu, desculpa, tá? Entrei no celular, ainda bem que estava com o celular posto aqui, ele descarregou. Mas deu para pegar 99,1% da...

Thatiane (entrevistada) - Só para vocês terem uma ideia, essa dor é uma dor tão grande, como eu falei, não só da gente, mas de outros hospitais e de outros objetos do Brasil todo, que há um ano atrás, uns dois anos atrás mais ou menos, eu fui convidada para fazer parte de um grupo de trabalho da EBSEH-SEDE lá em Brasília, com outras chefias de setor de ensino, outras chefias da graduação, para tentar pensar no sistema em dores, em necessidades, para que pudesse ser pensado um sistema, mas isso acabou não indo para frente, né? Essa comissão, esse grupo de trabalho foi dissolvido, não se pensou, não foi para frente. Mas para vocês verem que é uma dor realmente. E toda vez que tem reunião com todas as chefias, né? Com a gerência de ensino e pesquisa do Brasil todo, isso sempre é pontuado. A dificuldade de gestão do ensino, a dificuldade de gestão de vagas, a dificuldade de gestão e monitoramento das atividades acadêmicas nos hospitais universitários. Sempre é um ponto de pauta. É uma dor em todos os hospitais, isso.

Roberta (entrevistadora) - É isso. Então a gente vai tentar amenizar um pouquinho dessa dor aí.

Thatiane (entrevistada) - Ai, que bom!

Roberta (entrevistadora) - Assim, a gente vai ter também outras oportunidades para estar mais aprofundando esse detalhamento, né? Pedro, Maxwell, eu acho que para o começo, foi um começo muito bom, inclusive esclareceu muita coisa. E aí, no decorrer, a gente vai se comunicando, né, Tati?

Thatiane (entrevistada) - Isso. E para os próximos, né? A gente poderia, inclusive, convidar as chefias da UGPOS, os coordenadores dos programas de residência, para dicionar algumas outras dúvidas, esclarecer mais coisas de como a gente pode incorporar a parte de residência também dentro desse sistema.

Roberta (entrevistadora) - Quando a gente pensou, na verdade, a gente tinha, inclusive, tinha... Quando a gente colocou o problema, a gente colocou também a residência. A gente incluiu. A gente entendeu que a residência estava incluída.

Thatiane (entrevistada) - Sim.

Roberta (entrevistadora) - Mas como a pertinência das informações principais, a gente entendeu que você poderia já fornecer para a gente logo de antemão. Sim. Então, a posteriori, com certeza, a gente vai aprofundar mais isso.